

## Werther – o suicídio e a eternização do amor

Michael Korfmann<sup>1</sup>  
Gabriella Bugs Ache<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo demonstrar como o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, representa a ideia da morte – neste caso o suicídio – como saída de uma convicção orientada entre individual e social em direção a eternização do amor. Para tanto, serão abordadas duas diferenciações constitutivas do romance – a primeira entre individualidade e sociedade e a segunda, como contraponto, entre consciência e comunicação. A partir disso, será demonstrado de que maneira a perspectiva da obra retrata o social como composto por papéis sociais, comunicações, imposições de discursos e instituições que ditam suas regras aos indivíduos, além de como o envolvimento na comunicação social codificada revela-se como desapropriação da individualidade. E isto, por sua vez, evidencia como o discurso através do qual se pretende abandonar a sociedade é um acontecimento social, afinal só existe comunicação enquanto se está inserido nela.

**Palavras-chave:** Goethe; Werther; individualidade; sociedade; suicídio.

**Zusammenfassung:** Ziel dieses Beitrags ist es zu demonstrieren, wie Goethes Roman *Die Leiden des jungen Werther* die Idee des Todes – in diesem Fall des Selbstmordes als Verewigung der Liebe – als Ausweg aus einer zwischen Individuum und Gesellschaft orientierten Überzeugung darstellt. Zu diesem Zweck werden zwei konstitutive Unterscheidungen des Romans analysiert – die erste zwischen Individualität und Gesellschaft und die zweite, als Kontrapunkt, zwischen Bewusstsein und Kommunikation. Dabei soll gezeigt werden, wie die Perspektive des Romans das Soziale als aus sozialen Rollen, Kommunikationen, aufgezwungenen Diskursen und Institutionen zusammengesetzt darstellt, die den Individuen ihre Regeln diktieren, und wie sich die Einbindung in kodifizierte soziale Kommunikation als Enteignung von Individualität erweist. Und dies wiederum macht sichtbar, wie der Diskurs, durch den man die Gesellschaft verlassen will, ein soziales Ereignis ist, denn die Kommunikation existiert nur, solange man in sie eingebunden ist.

**Schlüsselwörter:** Goethe; Werther; Individualität; Gesellschaft; Selbstmord.

*Os sofrimentos do jovem Werther* ou, na versão de Portugal, *As paixões do jovem Werther*, escrito em 1774, foi o maior sucesso da carreira literária de Goethe e o tornou um autor de reputação europeia. Ele mesmo constata, nas suas memórias, que o efeito deste pequeno livro foi enorme (1975a, p. 589). Os detalhes bem documentados do efeito desse romance sobre o público contemporâneo permitem analisar mais precisamente a diferenciação da literatura como sistema autorreferencial, desvendando o processo que

<sup>1</sup> Professor titular do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS. E-mail: michael.korfmann@ufrgs.br.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS, habilitação Tradutor Português-Alemão. E-mail: gabibugsache@gmail.com.

a tornou moderna. O conceito de diferenciação implica uma fase anterior em que havia um grau menor de diferenciações ou, dito de uma maneira positiva, um grau maior de integração. Na recepção do Werther mostra-se a não-simultaneidade do simultâneo. A modernidade do romance encontrou uma posição receptiva em grande parte pré-moderna, que se sentiu provocada pela utilização de um tabu, o suicídio, para efeitos literários. Vemos essa morte não como final lamentável de uma existência fracassada, como costuma ser concebida por grande parte da crítica literária alemã<sup>3</sup>, que descreve Werther como paciente a ser "terapeutizado", mas como ato voluntário num momento de prazer mais intenso. Não era a intenção de Goethe moralizar sobre fraquezas do "eu", desvios existenciais ou desenvolver um estudo didático de um indivíduo perturbado. Com relação à reação do público, que oscilava entre fascínio, indignação e tentativas de proibição, Goethe reclamava do *velho preconceito de que um livro impresso [...] deveria ter um objetivo didático* (1975a, p. 590). Seu texto, moralmente indiferente e apenas interessado na apresentação literária do desejo da morte no contexto de um amor extasiado, tratando, portanto, de uma individualidade excêntrica e não integrada às normas vigentes, enfrentou um comportamento de leitura ainda não acostumado com a diferenciação das comunicações. Para muitos contemporâneos de Goethe, especificamente para a crítica institucionalizada ou representativa, era impossível combinar, paralelamente, uma provocação moral, religiosa ou política com uma fascinação literária ou, na terminologia da teoria dos sistemas, codificar a comunicação literária dentro de sua devida área e renunciar a outros códigos como inadequados. A encenação de uma morte por causa de um amor de realização momentânea, moral ou religiosamente indiferente, mas de efeito literário convincente, ou seja, a exclusão ou neutralização de valores vigentes sobrecarrega parte do público acostumado a comunicar-se sob outras condições, pois no sistema pré-moderno não havia uma diferenciação clara entre as áreas do bem, verdadeiro, útil e belo e seus oponentes, o mal, falso, prejudicial e feio. Nessa fase, a avaliação de um poema como belo implicava também a sua avaliação como verdadeiro, útil e bom e vice-versa.

Os acessos não-literários, via posições diversas, convergem em um ponto crucial, a questão sobre a razão do suicídio de Werther. Já no ano da publicação do romance, Lessing ironiza a desproporção entre o motivo banal de um amor não correspondido e a consequência exagerada. Para ele, nenhum grego teria cometido suicídio por causa de Lotte. Somente a espiritualização do amor na religião cristã, a transformação de uma necessidade física em uma perfeição espiritual poderia ter causado tal efeito. Hegel via

---

<sup>3</sup> Representativo: SCHMIED, H. Woran scheitert Werther? in: *Poetica* 11, 1979.

a morte de Werther como resultado de sua incapacidade de superar a teimosia de seu amor infeliz (1970a, p. 313). Freud analisava a obra sob o aspecto biográfico: *Goethe estava brincando com a idéia de se matar [...] Por meio dessa fantasia (o romance), protegeu-se das conseqüências de sua experiência* (1976, p. 353) e Friedrich Nicolai propõe na sua paródia, *As alegrias do jovem Werther*, de 1775, a solução do “problema”, através da união entre Lotte e Werther com a aprovação de Albert. O desejo da morte e com isso a recusa de Werther em aceitar a ordem estabelecida também foi vista como perigo para a estabilidade social, o que levou, por exemplo, Johann Melchior Goeze a exigir a proibição da obra: *Publicações do tipo “Os sofrimentos do jovem Werther” podem tornar-se mães de Clements, Ravailacs e d’Amiens* (apud JÄGER, 1984, p. 133).

A recepção do Werther pode ser lida como tentativa de compreender a frase *Quero morrer* e codificá-la através de uma hermenêutica de sintoma, atribuindo ao desejo da morte a forma simbólica de uma doença, tornando Werther um paciente e a crítica literária um terapeuta esforçado para compreender seus motivos. Não pretendemos dar continuidade a essa linha, mas, a partir da concepção da teoria dos sistemas, analisar o romance de Goethe como forma literária, ou seja, lê-lo seguindo o traço de sua diferenciação constitutiva para o sentido. Do nosso ponto de vista, o romance diferencia, de uma maneira marcante para sua época, consciência de comunicação, mas, devido a seu compromisso com a subjetividade excepcional, o gênio, transporta-o para o conflito entre individualidade e sociedade.

É incontestável a obsessão de Werther com a ideia de que apenas a morte pode liberá-lo da infelicidade de um amor sem perspectiva, de uma existência que impõe ao seu desejo a tortura da renúncia. *Não vejo outro fim para essa miséria que o túmulo* (GOETHE, 1998, p.70) ele escreve já em 30 de agosto de 1771 a Wilhelm, o destinatário de suas cartas monológicas, num lamento a se repetir futuramente com frequência. Werther experimenta o não de Lotte como força do social, pois ela, autodesignando-se como propriedade de Albert, necessariamente precisa desligar-se, por causa da sua identidade social, como noiva ou esposa. O fato de que Lotte afirma essa codificação social causa o sofrimento de Werther. Uma amizade de almas afinadas (*Seelenfreundschaft*) poderia lhes possibilitar e oferecer um espaço social aceitável de sensibilidade elevada, mas Werther, ao desejar o proibido, o corpo de Lotte, insurge-se contra a lei, aqui representada por Albert.

Essa noite! Tremo de dizê-lo, eu a tive apertada nos meus braços, apertada contra o coração, e cobria de beijos apaixonados os seus lábios que murmuravam palavras de amor, e os meus olhos nadavam na volúpia dos seus olhos! Meu Deus! Serei culpado porque ainda agora

sinto um imenso prazer evocando aqueles momentos deliciosos? (GOETHE, 1998, p. 116).

Já no início de sua relação, quando Werther encontra Lotte num baile, o texto mostra claramente que a lei, o nome Albert, põe fim ao desejo do protagonista. Os dois dançam uma valsa turbilhante, experimentada por Werther com êxtase, como transgressão da ordem do social e vivência de uma intimidade erótica, abruptamente interrompida pelo mencionar do nome do noivo:

Quando atravessávamos, dançando, as filas, e só Deus sabe com que delícia me enlevava em os seus braços e olhos, que expressavam o prazer mais sincero e puro, passamos por uma senhora cuja amável sombra, em rosto já distante do verdor da juventude, me atraía a atenção. Sorrindo para Carlota, ao cruzar conosco, com o dedo ameaçador, por duas vezes, significativamente, pronunciou o nome Alberto. [...] Perdi o tino, comecei a enganar-me, entrei por equívoco no meio do par por onde não devia passar, lançando a confusão em derredor (GOETHE, 1998, p.60).

O nome Alberto submete Werther às regras da lei, sua harmonia se apaga e o torna deslocado. *Albert chegou e eu partirei*, ele escreve no dia 30 de julho. Com sua partida, para a morte, retira-se da vida estruturada pela força da lei social e recusa-se a vivê-la, pois para ele não vale a pena ser vivida. Lotte se submete a ela, o que a torna, por momentos, desprezível para o Werther:

Tenha um momento de serenidade, Werther. Não sente que está procurando iludir-se, e que voluntariamente caminha para a própria ruína? Por que me há de amar a mim, eu já pertencço ao outro? Será justamente por isto? Temo, sim, temo que a impossibilidade de me possuir é o que lhe ateia esse desejo avassalador”. Werther, ouvindo essas palavras, retirou as mãos dentre as dela, e a fitou com olhar imóvel e irritado. “Isso é solerte!” exclamou. “Muito solerte! Talvez tenha sido Alberto quem fez essa observação. E como ela é política!” (GOETHE, 1998, p. 118).

É o social que fala no discurso de Lotte e do qual Werther se retira. O desejo da morte como negação do social não se restringe a ser apenas uma fuga, mas abre simultaneamente a visão de uma identificação com o outro do social, a natureza elementar. Numa cena muito citada, Werther experimenta a dissolução do eu nas forças elementares como momentos de prazer. *E ali fiquei, com os braços abertos para o abismo, respirando o ar que me subia dele, embalando-me no gozo da ação de arremessar ali todas as minhas dores, todos os meus tormentos, e lá rugir como as ondas furiosas* (GOETHE, 1998, p. 116). Aqui, a natureza faz frente a Werther numa maneira de existência chamada

pela estética do século XVIII de sublime. Para Kant, o sujeito experimenta, frente às forças naturais ameaçadoras, a superioridade de sua autonomia moral resistindo a toda natureza, mas sob a condição de que o sujeito não corra perigo real, podendo ver a força da natureza como espetáculo e assim viver o momento da auto-afirmação sublime. Werther subverte essa posição estética, pois a visão de uma dissolução nas forças elementares da natureza impossibilita qualquer autonomia moralmente qualificável do sujeito. *Destruir a moralidade dentro de si mesmo na sua pessoa significa eliminar a própria moralidade [...] no mundo que é, entretanto, finalidade em si mesmo* (KANT, 1968, p. 555). A identificação de Werther com o jovem agricultor que se torna assassino por motivos passionais e com aquele escrívão que, por causa do amor, desloca a ordem do discurso e se torna insano, revela-o como negador da lei da vida e da norma do discurso, cuja racionalidade social não lhe atinge. Os argumentos da ordem e de seus agentes permanecem-lhe incompreensíveis:

Depois, dominando-se, dirigiu-se ao magistrado, e efusivamente lhe expôs a sua opinião sobre o trágico acontecimento. Esse, de vez em quando, sacudia a cabeça negativamente, enquanto Werther fazia a defesa do criminoso com todo ardor, toda paixão, toda sinceridade que um homem pode pôr na homilética com que pretendia defender outro homem. Sem se mostrar comovido, ao contrário, insurgindo-se contra tal modo de sentir, o bailio procurou confutar-lhe as idéias, e até o censurou por pretender desculpar um sicário. Mostrou-lhe que, partindo de tais pontos de vista, as leis seriam como írritas, a segurança do Estado periclitaria (GOETHE, 1998, p. 114).

24

Com a frase *Bem o vejo, nada nos poderá salvar!*, Werther resume a lição da lei. Se seu suicídio fosse unicamente a libertação da lei e o “não” de Lotte representasse exemplarmente o discurso dessa lei, poder-se-ia concordar com as opiniões convencionais a respeito do motivo do suicídio. Mas, ao preparar friamente sua morte, *sem exaltação romântica* (GOETHE, 1998, p. 119), surgem outros motivos. No dia 20 de dezembro, Lotte visita-o pela penúltima vez e lhe exige um comportamento mais prudente e sensato.

Procure dominar-se. [...] Seja um verdadeiro homem! Afaste essa triste afeição a uma criatura que nada pode fazer pelo senhor a não ser lastimá-lo. [...] Procure, investigue com verdadeiro interesse, e encontre um objeto digno de seu amor. Depois volte, e todos reunidos nos saborearemos das delícias de uma amizade verdadeira (GOETHE, 1996, p. 118). Werther, ao reconhecer aqui a voz de Albert, despreza Lotte por causa de seu discurso emprestado e parte cheio de azedume e despeito (GOETHE, 1998, p. 119).

Na manhã seguinte, começa a escrever sua carta de despedida, porém utilizando-se de um discurso mascarado. *Querida, quando leres essa carta a sepultura há*

de cobrir os despojos do inquieto desventurado que, nos derradeiros instantes de sua vida, não conhece nenhum prazer maior do que falar contigo (GOETHE, 1998, p. 119). Aqui, Werther não fala de libertação mas, ao contrário, mascara sua decisão frente a Lotte, à voz de Albert, com sentido social. Declara-se renunciador e decora sua morte com as insígnias de um sacrifício heróico para que Lotte e Alberto pudessem viver. Não é por desespero, senão pela íntima convicção de que para mim tudo está acabado que determinei sacrificar-me por ti. [...] É necessário que um dos três saia da vida e prefiro que esse seja eu (GOETHE, 1998, p. 119). Werther encena sua morte na máscara do herói trágico, reconhecendo e afirmando a ordem. Ele simula o discurso que situa sua renúncia radical no social, no lugar de Lotte, oferecendo-lhe, assim, uma construção de sentido de caráter sentimental, que ela possa entender e aceitar: um gesto de reconciliação que confirma a legitimidade da lei social e garante uma lembrança positiva na memória de Lotte. Mas esse discurso é nada mais do que um acontecimento retórico. Seu objetivo, formulado de maneira explícita anteriormente, continua o mesmo: *Ah! Esse vácuo! Esse vácuo terrível que sinto no meu peito. Às vezes digo de mim: se ao menos uma vez me fosse dado apertá-la contra o peito, esse vácuo todo inteiro seria preenchido* (GOETHE, 1998, p. 104). Esse momento de uma felicidade e de um prazer extático se realiza, finalmente, na noite do 22 de dezembro. Lotte se desfaz, por um instante, das suas obrigações e permite a Werther o êxtase ilimitado de uma intimidade momentânea, direta e sem interferência do discurso social anterior. Werther cita-lhe trechos da sua tradução do *Ossian* e essa poesia de anseios cheios de morte sob um céu vazio, sem Deus. A poesia desloca ambos para fora de qualquer controle social, dando lugar a um erotismo de morte no qual os dois corpos se acham por um curto momento. *O mundo se esvaecia aos olhos de ambos* (GOETHE, 1998, p. 128). Lotte logo se retira desse campo, *palpitante de cólera e de amor* (GOETHE, 1998, p. 129), mas, para Werther, tudo muda com esse acontecimento. Desaparecem a retórica do sacrifício, a simulação do declínio trágico, a linguagem sentimental e até o motivo da libertação. Em vez disso, um tom eufórico e jubilado caracteriza as últimas frases de sua carta de despedida do dia 23 de dezembro.

[...] nem a eternidade poderá diluir a vida que em teus lábios sorvi ontem e sinto palpitando em mim! Ela me ama! Esse braço a enlaçou, esses lábios palpitarão, comprimindo os seus lábios, e essa boca balbuciou frases de amor dentro de sua boca. Ela é minha! Tu és minha! Sim, Carlotta, e para sempre! (GOETHE, 1998, p. 130).

Werther experimenta esse momento de intimidade física sob a influência da leitura de *Ossian*, como preenchimento da lacuna sentida anteriormente. No futuro, nada mais seria possível senão a repetição, que se tornaria banal, pois seria incapaz de

alcançar a intensidade vivida. O prazer extático apenas pode ser eternizado na morte. *Ontem deveria ter sido o último dia da minha existência* (GOETHE, 1998, p. 130). O motivo de seu suicídio agora provém da impossibilidade de atribuir ao momento de amor realizado uma durabilidade e a inaceitável trivialização futura desse instante. Não parece ser possível viver num permanente estado de emergência passional. Werther ativa aqui um motivo religioso para designar a morte como eternização de um amor excepcional que acompanha os apaixonados para uma união infinita. *Me precipitarei ao teu encontro, e te abraçarei com o mais terno abraço, e aos olhos do infinito assim eu ficarei eternamente* (GOETHE, 1998, p. 130). Werther declara todos os seus desejos e esperanças de sua vida como realizadas e o narrador nos conta que sua última noite foi de sono tranquilo e longo, apesar de certa incerteza nas frases finais de sua carta: pode ser que a morte seja diferente.

Falamos antes em duas diferenciações constitutivas do romance: a entre individualidade e sociedade e, como contraponto, a entre consciência e comunicação. O texto encena o lugar da individualidade não como lugar dentro da sociedade, mas como o outro, situado fora dela e contrário a ela. A perspectiva do romance mostra o social não como composto por pessoas, mas constituído por papéis sociais e comunicações, por coações de discursos e instituições que impõem suas regras ao indivíduo. A participação na comunicação social codificada aparece como desapropriação da individualidade. Em relação ao Werther, isso vale tanto para sua experiência no serviço diplomático, onde se sente uma marionete, como também para qualquer conversa com outros. *Não ser compreendido é a sorte que a nós outros coube* (GOETHE, 1998, p. 50). Essa impossibilidade de dar ao eu uma linguagem própria, leva Werther a um ceticismo profundo com relação ao sentido de toda comunicação que precisa excluir o indivíduo para ser bem-sucedida socialmente. *Meu coração estava túrgido! E nos separamos sem nos havermos compreendido. Como é difícil nos entendermos nesse mundo...* (GOETHE, 1998, p. 79). As cartas e anotações de Werther não se enquadram em um contexto comunicativo, como era de praxe no gênero do romance epistolar do século XVIII<sup>4</sup>. Elas se apresentam como expressões radicalmente monológicas, sem expectativa de ressonância: Wilhelm nunca responde. Mesmo assim, os pensamentos de Werther refletem o projeto impossível de uma comunicação autêntica e não codificada socialmente. À sua pergunta – como se pode comunicar além da sociedade e seus discursos generalizados e onde o indivíduo encontra autenticidade sem ser atendido e deslocado pelo discurso – existe uma primeira

---

<sup>4</sup> Ver: MATTENKLOTT, Gerd “Briefroman” in: GLASER, H.A. *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte* vol. 4, Reinbek bei Hamburg 1980, pp. 196-215.

resposta no próprio texto: na arte, como lugar privilegiado. Os dois momentos de maior proximidade entre Lotte e Werther, no início do baile e no encontro final, são momentos de intensa comunicação íntima, que se realiza de forma não-verbal, pois é a poesia que fala. A compreensão mútua, porém muda, no *medium* da arte que retira o par de seu ambiente social, os "ex-territorializa". Desde então, o nome do poeta da "Festa de primavera" (Homero), que possibilitou, pelo menos na percepção de Werther, essa união de almas, torna-se um tabu e seria um sacrilégio inadmissível mencioná-lo numa conversa qualquer. Da mesma maneira, o *Ossian* cria a atmosfera mágica que evoca o momento de êxtase. E Werther também retira esse nome da comunicação. *Agrada! Ultimamente alguém também me perguntou se me agradava o bardo Ossian!* (GOETHE, 1996, p. 70). Julgamentos de gosto estético nivelam a intensidade da percepção. Homero e *Ossian* dão a Werther aquela ressonância na qual soa seu eu próprio de maneira autêntica. Ter a noção de uma voz única parece ser possível apenas no *medium* da mística poesia antiga e, por isso, o próprio Werther é um artista sem obra. Sua dúvida em relação a toda comunicação lhe retira o *medium* de seu desejo artístico. Apenas ele mesmo, na imanência da sua consciência, julga todo comunicado do desejo artístico como precário ou impossível. A transformação técnica da visão da consciência, a materialização do sentir em cores, linguagem e sons, torna-se problemática, pois no decorrer de tais *media*, a espontaneidade direta (*Unmittelbarkeit*) parece volatilizar-se ou, na linguagem da teoria dos sistemas, a visão parece entrar no espaço do discurso codificado da comunicação social e se desfazer como linguagem ou expressão do próprio eu. Apenas no texto místico, provindo de tal distância que escapa da coação social, a pessoa encontra uma ressonância confiável.

Como a arte, também a natureza não oferece a Werther uma forma de auto-expressão. Apesar de aparecer na semântica do romance como espaço contra-social, permitindo aos indivíduos sensíveis qualquer identificação, é justamente essa duplicação sem resistência da pessoa no eco da natureza que a impede de ser uma compensação da falta experimentada. Quando Werther sente-se despreocupado, ele é rodeado por uma paisagem primaveril, e seu desespero se repete em imagens sombrias da natureza. Essa redução da natureza a uma ressonância disponível a qualquer estado sentimental repele o sujeito de si mesmo. A lacuna de que Werther sofre não pode ser preenchida através da natureza. Por isso, ele se recusa à sugestão de encenar sua morte como identificação com a natureza sublime do vale inundado catastroficamente, pois não seria nada mais do que a identificação com o eu próprio imitado pela natureza.

Com relação ao projeto de uma comunicação para além do social, a arte é imprópria, pois, em última instância, sua linguagem não escapa da lei da codificação.

Igualmente deficitária mostra-se a natureza, sem voz própria, como apenas um espelho, no qual a pessoa vê somente a si mesma, monologando. Definimos a linha básica do romance como diferença dramatizada entre individualidade e sociedade. O indivíduo se percebe como ambiente da sociedade e recusa ou nega qualquer comunicação generalizada. A arte existe apenas quando se cala, no silêncio, como recusa do social. A natureza funciona somente como mimesis do estado atual da própria pessoa, e a comunicação de Werther com Deus permanece um monólogo. Vimos também que as interpretações, em geral, atribuem essa situação desolada à personalidade patológica de Werther, que se mostra incapaz de reconhecer, ainda que de forma crítica, a ordem e se entender com as representações sociais. Diferentemente dessa avaliação, vemos a semântica do romance como encenação poética radicalizada da diferença entre individualidade e sociedade, marcante para a mentalidade do século XVIII. Conforme a nova experiência, a sociedade consiste em comunicações institucionalizadas e em discursos diferenciados que continuamente permitem apenas manifestações setoriais e específicas da pessoa, com isso colocando-as frente ao problema de sua identidade. Enquanto a tradição antiga predestinou o lugar da biografia, a sociedade funcional e diferenciada torna-a facetada e levanta a questão de saber se ela é mais que a soma dos envolvimento sociais realizados e se é diferente deles. Caso a autopercepção defina a identidade como algo mais que a adição das facetas oferecidas pela sociedade, é de supor-se possível diferenciar entre indivíduo e todos os potenciais comunicativos sociais e descrever a individualidade não mais através de categorias sociais. A sociedade moderna, percebida e refletida no século XVIII, coloca à disposição, como resultado de sua estruturação de diferenciação funcional, a diferença entre individual e geral, autêntico e estereotipado, íntimo e público. Essas diferenciações marcam e influenciam a forma de auto-observação das pessoas. Radicalizadas, produzem o efeito que permite ver a sociedade *per se* como oposto que pode ser equipado com insígnias de ameaça e, se a individualidade deve encontrar sua identidade para além das convenções comunicativas da sociedade moderna, frequentemente experimenta-se sua existência social como alienada ou forçada. Isso leva à busca de possibilidades de uma existência autêntica para fora das intermediações sociais, num lugar onde o indivíduo permanece individual ou indivisível.

Semanticamente, a negação do social torna-se possível, pois o indivíduo se vê em diferença com a sociedade, acreditando operar no seu exterior. Isso se torna paradoxal quando o indivíduo, como Werther, pretende comunicar-se nesse exterior e conseqüentemente sobrecarrega *mediá* potenciais como arte, natureza e religião. Perde-se de vista o fato de que também a comunicação íntima e até a própria diferenciação

entre indivíduo e sociedade são decisões sociais que, de certa forma, pretendem dissimular a diferença entre consciência e comunicação. O romance de Goethe articula, de forma concisa, o potencial semântico dessa nova mentalidade e oferece à literatura romântica um dicionário bastante completo da semântica poética da individualidade: arte e loucura, formas de excentricidade, amor e paixão, morte e sua encenação estética, êxtase frente à natureza, mitos e tempos remotos, discurso delirante, o gesto de se calar e a premiação do não-dito. Usou-se dessa fonte continuamente para poder encenar a utopia da comunicação de uma subjetividade excêntrica, para além da ordem social estabelecida.

Nesse contexto, é certamente o *medium* do amor o fenômeno mais sedutor de uma tal comunicação íntima. Com ele, entra uma outra pessoa em cena, não apenas um eco de si mesmo, mas um outro ou uma outra com a qual uma compreensão absoluta, comunicação intensa, parece ser possível. Mas também há a suspeita de que, nesse contexto, *alter* seja apenas o espelho de *ego* e de que se trate meramente de uma projeção narcísica, como constata Roland Barthes em relação ao Werther:

Lotte não é atraente; ela é a figura central pobre de uma encenação forte, emocionante e brilhante realizada pelo sujeito Werther; por causa de uma decisão misericordiosa desse sujeito, um objeto insignificante é colocado no centro da cena [...] é de acreditar que se trata de uma pomba gorda, parada, estufada em sua manta de pena e que um homenzinho um pouco insano acasala ao seu redor (1984, p. 85).

Na visão de Barthes, Werther apenas ama seu amor, portanto, de maneira narcísica, a si mesmo, e Lotte representaria exclusivamente um objeto para esse amor. Certas frases de Werther, por exemplo, como *me idolatro depois que sei que ela me ama* (GOETHE, 1998, p. 71) parecem confirmar essa suspeita e a avaliação de que Werther não aprendeu a respeitar o outro no outro e que, por isso, seria incapaz de compromissos. Não achamos que isto seja a problemática central do texto. Na nossa visão, Werther procura na pessoa amada uma confirmação, impossível de obter em outra parte, de seu eu exclusivo, no sentido daquela identidade que deveria ser mais do que a soma do possível na sociedade. Com a não-realização dessa tarefa pela arte, natureza e religião, o amor, na forma mais exigente, absoluta, e, por isso, arriscada, parece significar a última possibilidade de comunicar, com êxito, a autopercepção da consciência, ou seja, de ser confirmado na reação de *alter*. Mas o amor precisa calar-se quando não quer se perder em convenções e, com isso, perder sua exclusividade, podendo mostrar-se apenas em incertos olhares, toques ou gestos. Resta a dúvida de se aquilo é realmente amor e como

se pode prová-lo quando se desconfia dos discursos sociais. *Ah! Eu tinha certeza de que tu me amavas. Sabia-o desde o primeiro terno olhar que me lançaste, desde a primeira vez que me apertaste a mão; contudo, todas as vezes que me afastava de ti, quando via Alberto ao teu lado, salteavam-me dúvidas terríveis* (GOETHE, 1998, p. 130). O amor pode-se comprovar somente quando se desliga da ordem social. De certa forma, a lógica semântica do romance precisa de uma constelação na qual Lotte surja codificada socialmente como noiva para poder encenar o abandono dessa codificação como prova de amor. No texto, é o corpo de Lotte, infringindo a lei por um instante, que comprova de forma convincente a Werther o fato de ser amado.

Pela primeira vez, sim, pela primeira vez me invadiu todo, o mais íntimo recesso do meu ser inteiro, a certeza inabalável e deliciosa: ela me ama! Ela me ama! Ainda sinto em meus lábios a combustão dos seus lábios divinos. Uma delícia nova e ardente vive no meu coração (GOETHE, 1998, p. 130).

Esse momento confirma a Werther a possibilidade de uma comunicação íntima, na qual a autopercepção de ego é assumida por *alter*. Com sua morte, Werther pretende evitar que essa sensação excepcional, mas fugaz, torne-se rotina e se banalize na forma de um casamento “ordinário”, um destino profetizado por Hegel a todos os apaixonados românticos com o argumento de que logo a mulher venerada perderia sua unicidade e faria parte do exército das donas-de-casa<sup>5</sup>. O momento extático, como momento da subjetividade, se opõe à repetição eterna do tempo social e pode ser eternizado, na ordem romântica, apenas na morte. A ideia romântica da morte é ponto de fuga de uma convicção que se orienta unicamente na diferença entre individualidade e sociedade, uma ideia somente apresentável enquanto se vive. O discurso através do qual o indivíduo pretende abandonar a sociedade é um acontecimento social, pois não há comunicação além dela. É o tiro de Werther, no texto como linha em branco, uma lacuna que interrompe o discurso, retomado depois com uma objetividade fria e no estilo de um parecer médico:

[...] achou-o caído no chão, com o pulso ainda latejando, mas com os membros hirtos e paralisados, e sem possível salvação. A bala lhe entrara pelo crânio, na testa, por cima do olho direito, fazendo o encéfalo aparecer na abertura (GOETHE, 1998, p. 136).

A comunicação romântica sobre a morte como possível eternização do auge do prazer termina nos detalhes assustadores da morte física.

<sup>5</sup> Ver: HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. *Vorlesungen über die Ästhetik II*. Theorie-Werk-Ausgabe vol. 14 Frankfurt/M. 1970, p. 219.

## Referências

- BARTHES, Roland. *Fragmente einer Sprache der Liebe*. Frankfurt/M. : Suhrkamp, 1984.
- FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 7.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. Werke. *Hamburger Ausgabe*. München: Beck 1975a. v.9.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. *Theorie-Werk-Ausgabe*. Frankfurt/M.: Ullstein, 1970a. v.1.
- JÄGER, Georg. *Die Leiden des alten und neuen Werthers*. München: Hanser, 1984.
- KANT, Immanuel. *Akademieausgabe*. Berlin: Brandenburgische Akademie der Wissenschaften, 1968a. v. 5.
- KANT, Immanuel. *Akademieausgabe*. Berlin: Brandenburgische Akademie der Wissenschaften, 1968b. v. 7.
- KANT, Immanuel. *Akademieausgabe*. Berlin: Brandenburgische Akademie der Wissenschaften, 1968c. v. 20.
- SCHMIED, Harald. *Woran scheitert Werther?*. In: BIESTERFELD, Wolfgang. Poetica 11. Hamburg: Kovac Verlag, 1979.